



LER EM FAMÍLIA, LER NA ESCOLA, LER NA BIBLIOTECA: BOAS PRÁTICAS

CRISTINA VIEIRA DA SILVA
MARTA MARTINS
JOANA CAVALCANTI

VERSÃO COMPLETA EM [HTTP://REPOSITORIO.ESEPF.PT/HANDLE/10000/665](http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/665)

PAULA
FRASSINETTI



Clube de Leitura Juvenil

Letras Soltas, uma

experiência de sucesso na

biblioteca municipal da

Maia

JOAQUIM JORGE MOREIRA DA SILVA¹
SUZANA DE SOUSA E SILVA²

Resumo

Letras Soltas é a denominação de um projeto de promoção da leitura, sob a forma de um Clube de Leitura Juvenil, desenvolvido pela Biblioteca Municipal da Maia, com início em fevereiro de 2007 e final previsto para junho de 2011.

Nasceu como um espaço de exercício de leitura, potenciando uma relação de proximidade com os livros, onde os jovens possam melhorar a competência leitora, trocar ideias e desenvolver o seu sentido crítico a partir de um livro em língua portuguesa, de autores de várias nacionalidades.

Com esta reflexão pretende-se dar a conhecer a experiência de sucesso que constituiu a criação e desenvolvimento deste Clube de Leitura Juvenil. Uma vez este terminado, é possível, agora, fazer a avaliação global do projeto procurando, simultaneamente, encontrar as razões para o considerar um caso de sucesso, e os aspetos negativos ou suscetíveis de melhoria em posteriores iniciativas do género. Estruturalmente, esta comunicação divide-se em três partes:

Na primeira parte, expõe-se, ainda que de forma sintética, o enquadramento teórico/conceptual subjacente à opção metodológica do modelo de 'clube de leitura' adotado. A segunda, centra-se na descrição (pormenorizada) do 'Projeto Letras Soltas' propriamente dito, desde o momento inaugural da ideia até à sua implementação, considerando aqui aspetos como: objetivos do clube; condições de acolhimento e acomodação dos mem-

bro; fornecimento de material bibliográfico e outros necessários ao seu funcionamento; caracterização dos membros participantes; calendarização dos encontros; escolhas bibliográficas; metodologia de funcionamento nos encontros; ações paralelas ou o envolvimento da comunidade.

Por último, na terceira parte, centra-se a atenção, essencialmente, no momento de avaliação, aqui considerada em termos qualitativos. Mais do que avaliar objetivamente e de forma direta o desempenho dos membros no seio do clube, importa considerar o clube na sua globalidade e avaliar as suas diversas dimensões, tais como o sucesso na persecução dos objetivos pensados para o clube e o olhar crítico para cada um dos aspetos inerentes à conceção e desenvolvimento do clube.

Esta avaliação envolve duas dimensões: a avaliação realizada pelos membros do clube, através do preenchimento de um questionário, e avaliação efetuada pelos responsáveis do Clube.

Palavras-chave

Clube de leitura juvenil;
Promoção da leitura;
Leitura em voz alta;
Boas práticas de leitura

Abstract

'Letras Soltas' is the name of a reading promotion project: a youth reading club developed in Biblioteca Municipal da Maia. Began in February 2007 and ended in June of 2011.

It was created as a space of reading exercise, increasing a relation of proximity with the books, where the young people can be able to improve the reading abilities, exchange ideas and developing their own critic spirit from a book in Portuguese language, of a several different authors. With this reflection, we pretend to show a success experience made possible with the making and evolution of this youth reading club. Once terminated, it's possible, now, to do a global evaluation of the project, seeking, simultaneously, in order to find the reasons to considerer it a success event, and the negative aspects or susceptible of improvement in subsequent initiatives of its kind. In the first part, it's exposed, in a synthesized way, the theoretical and conceptual framing underlying the methodological model of this particular 'reading club'. The second concentrates in the detail description of 'Letras Soltas Project', since the inau-

¹ Biblioteca Municipal Doutor José Vieira de Carvalho, Maia, Portugal, jorge.georgis@gmail.com

² Biblioteca Municipal Doutor José Vieira de Carvalho, Maia, Portugal, sslva.dbam@em-maia.pt

gural moment of the idea until its execution considering different aspects such: the club objectives; the reception conditions and members accommodation; bibliographical material supply; bibliographical choices; the functioning methodology in the encounters; parallel actions or the community enveloping. At last, in the third part, we'll focus the attention in the evaluation moment, here considered qualitative terms. It's important considering the club in global way and evaluating its different dimensions, such as the success in the club objectives persecution and the critical look to each aspect inherent to the conception and development of the club.

This evaluating involves two dimensions: the evaluation carried out by the club members, through fill up a questionnaire, and the evaluation made by people responsible for the club.

Keywords

Youth reading club;
Reading promotion;
Reading in a loud voice;
good practice in reading.

A temática deste encontro cujo título corporiza de modo exemplar “Boas Práticas em Leitura”, confrontamos, desde logo, com uma questão primacial: Em que consiste e como entender a noção de ‘boas práticas em leitura’? E logo depois, a questão: por quê considerar o “Projeto Clube de Leitura Juvenil Letras Soltas” um exemplo de boas práticas de leitura? Em boa verdade, esta questão só se coloca porque se ousou considerar este projeto um exemplo de boas práticas em promoção da leitura. Aquilo que se afirmava claro e inequívoco ao nível empírico carecia de uma fundamentação teórica que enquadrasse esse primeiro e quiçá pueril impulso. A definição da noção de *boas práticas* não é unívoca, nem consensual; o seu uso embora frequente, não isenta aqueles que dela se servem de um certo grau de subjetividade no momento de a definirem. Esta mesma dificuldade foi sentida por Neves, Lima e Borges (2007) aquando da elaboração da obra “*Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*”. A revisão da literatura por eles realizada detetou a existência de fragilidades nas diferentes propostas de definição de *boas práticas*. Contudo, existe um conjunto de ideias suscetíveis de serem agregadas em torno da *noção de boas práticas*; assim, devemos considerar que *uma boa prática* deve

consistir numa ação/projeto positivo que deve ter sucesso (ter bons resultados em função dos objetivos, o que pressupõem a avaliação); ser inovadora (deve implementar algo de diferente ao nível das soluções propostas); ter um possível efeito amplificador (deve ser visível, comunicável e partilhável para se disseminar), e ser sustentável (deve ser autossustentável). Estes parâmetros ajudam a suportar teoricamente a assunção de que o “Projeto Clube de Leitura Letras Soltas” constitui um exemplo de *boas práticas* no âmbito da promoção da leitura em ambiente de biblioteca pública, concretamente na biblioteca municipal da Maia.

A promoção da leitura corresponde à sistematização das práticas leitoras em atividades que possibilitem o encontro do leitor iniciante, ou pouco iniciado, com materiais de qualidade, e por um tempo indeterminado. Os programas de promoção da leitura devem sustentar-se em necessidades reais.

O Clube de Leitura Letras Soltas assume-se como um projeto de promoção da leitura. Ao afirmar-se tratar-se de um projeto tem-se a perfeita consciência de que esta noção envolve uma dimensão de planeamento de um conjunto de ações por via das quais se intenta alcançar um dado resultado num determinado período de tempo e adequando-se aos meios humanos e materiais disponíveis e devidamente previstos. A avaliação é o derradeiro item previsto no desenho do projeto que, após a implementação no terreno deste último, acompanha todo o seu desenvolvimento e cauciona este nosso intento de hoje partilhar publicamente a experiência de quatro anos que foi o período de duração do clube.

A leitura no mundo contemporâneo constitui concomitantemente uma experiência pessoal e social, nunca uniforme, sujeita à ação de vários fatores. A leitura em voz alta é um desses fatores, constitui um modo de ler³. Neste, como em cada um dos outros modos possíveis de ler, intervêm aspetos como contexto, tradições culturais, formatos de leitura (que potenciam a aproximação à leitura), a experiência pessoal e social dos leitores, que predeterminam qualquer ato de ler. Considerar e definir este conjunto de aspetos assume uma função fulcral no momento de atualização (implementação) do trabalho de promoção da leitura; são fundamentais na formulação de qualquer projeto de promoção da leitura.

3 Outros modos possíveis de ler: oralidade, leitura estética e extratextual, leitura intensiva e extensiva, leitura fragmentada, leitura silenciosa, leitura do gesto, leitura da imagem.

A escola, a família e a biblioteca são tidos, na sociedade, como os agentes tradicionais, convencionais de promoção da leitura. Corporizam uma rede de leitura social, aberta, informal porque não sistematizada, muitas vezes desarticulada dado haver lacunas na forma como (não) comunicam uns com os outros. As funções e objetivos da promoção da leitura variam consoante se trate do agente escola, família, ou biblioteca. Concordamos com Garcia Sobrino quando afirma: “A promoção do livro e da leitura deve ultrapassar toda a programação de lugares e momentos particulares para se integrar numa atmosfera envolvente que suscite o prazer de ler. De acordo com este princípio, qualquer espaço e tempo são apropriados para leitura.” (2000:59)

Por isso, não é despiendo o facto de este projeto nascer no seio de uma biblioteca pública e marca, desde logo, o carácter inovador do projeto relativamente às práticas de promoção da leitura existentes nesta biblioteca até então e, inclusive, à generalidade das bibliotecas públicas nacionais, uma vez que se desconhece (até ao momento) a existência de projetos de promoção da leitura que envolvam a criação de clubes de leitura, para jovens, duradouros no tempo e que fazem da leitura em voz alta o seu método dileto.

A marca distintiva do nascimento deste projeto radica no encontro de vontades, no cruzamento de duas posições que, em dado momento, decidiram fazer do discurso da complementaridade, existente a um nível teórico, uma *praxis* efetiva onde a sala de aula encontra a biblioteca, onde a prática da leitura se torna rainha e senhora sem qualquer constrangimento. A biblioteca, como espaço de educação informal, não está obrigada às preocupações pedagógicas exigíveis a uma instituição como a escola.

A vontade de criar algo tangível que potenciasses, simultaneamente, a promoção e o desenvolvimento de competências de leitura nos jovens, precisamente na idade em que muitos deles começam a divergir do gosto e do exercício da leitura (entre os 9 e os 11 anos), sobrepôs-se ao cuidado de fundamentar teoricamente o ‘desenho’ do projeto. O interesse e a preocupação imediata era colocar os jovens em contacto com os livros e ler.... Ler muito. Idealizou-se e concretizou-se um clube de leitura que tinha na leitura em voz alta o seu centro nevrálgico. Proceder-se-ia, assim, à leitura integral de livros em voz alta, num ambiente de partilha, proporcionada pelo grupo. Na altura fazia todo o sentido, sobretudo atendendo às reais necessidades sentidas em termos de aquisição de

competências, aqui entendidas em sentido lato. Existia nesta fase uma fundamentação de forte pendor empírico e uma quase ausência de fundamentação teórica.

Na origem radicava uma dupla convicção alicerçada na nossa própria prática leitora de literatura, e na nossa experiência profissional enquanto professor e bibliotecária. No livro “*O leitor*” de Schlink (2009) encontramos passagens que caracterizam, na generalidade, o ato de ler em voz alta.

Também Pennac (1993), no seu ensaio escrito sob a forma de um romance “*Como um romance*”, enuncia na sua lista de direitos inalienáveis do leitor, o direito a ler em voz alta.

Da prática quotidiana tinha-se conhecimento que os jovens careciam de entendimento e compreensão do que está dito num texto; denotavam inibição e incapacidade de ler em público por insuficiência de competências de leitura ou vergonha; evidenciavam dificuldade de expressão oral e fraca articulação frásica associada a pobreza de vocabulário e à proliferação dos erros ortográficos resultantes de deficientes índices de leitura.

Por outro lado, a resposta que se pensava adequada aos constrangimentos atrás enunciados passava pela adoção da prática da leitura partilhada, possibilitadora de uma sincronização de leitura, isto é, da integração de diferentes ritmos, diferentes níveis de competências de leitura, onde os mais aptos – pelo exemplo – puxam pelos demais. Era um tipo de leitura que privilegiava a leitura extensiva e não intensiva.

Havia, e há, a consciência de que a leitura praticada no modo de leitura em voz alta de literatura, feita de forma integral, tem como óbice tornar a leitura lenta e morosa suscetível de despoletar o desinteresse de jovens – vorazes de um consumo imediato – e passível de dissuadir a participação e contribuir para o absentismo.

Se na génese do projeto as certezas eram de natureza empírica (necessidade de responder de forma imediata às solicitações de diferentes públicos, o público-alvo os jovens e dos seus progenitores) e pouco subjetivas, decorrentes precisamente da experiência quotidiana (escola e biblioteca), e por isso de certezas tinham muito pouco; no momento final, aquando do processo de avaliação, e quando foi sentida a necessidade de recorrer a uma fundamentação cientificamente mais válida, capaz de sustentar uma prática já desenvolvida com resultados visíveis, sentiu-se dificuldades à partida inesperadas, que interpelam de modo decisivo o projeto.

O desafio era pois procurar na imensa literatura dispo-

nível sobre a problemática da leitura, independentemente das áreas temáticas, suporte legitimador deste modo de ler, capaz de enquadrar – *a posteriori* – este projeto, mas a tempo de enquadrar novas edições ou novos projetos afins do “Letras Soltas”. São poucas as obras dedicadas em exclusivo à temática da leitura em voz alta, daí a dificuldade em encontrar estudos que sustentassem este trinómio: a leitura em voz alta como primeira leitura, isto é, sem a pré-existência de uma leitura silenciosa e individual; a criação de um clube de leitura em ambiente de biblioteca pública com as características deste; e leitura integral de obras literárias no registo presencial e extensivo.

Interessava, sobretudo, obter informação concernente ao aspeto ‘ler em voz alta’, no sentido de, a partir daí, ser possível extrair linhas de força, teóricas, capazes de enquadrar nos diversos ângulos a prática de leitura em voz alta e que correlativamente nos respondessem a questões tão simples como estas: É a leitura em voz alta um método defensável? Encontra-se a leitura em voz alta em desuso? Constitui ela um modo anacrónico de promover a leitura, sobretudo face à emergência do digital? Ao nível do discurso político sobre as práticas de leitura em Portugal há referências específicas à importância da leitura em voz alta. O Plano Nacional de Leitura desenvolve um projeto de voluntariado para estimular a leitura entre adultos e crianças em instituições como escolas e bibliotecas. No âmbito deste projeto os voluntários deslocam-se às escolas e à biblioteca para efetuarem sessões em voz alta.

Georges Jean, intelectual francês, dedica em exclusivo um dos seus livros ao tema da leitura em voz alta procurando nele defender a pertinência e potencialidades atuais da leitura em voz alta. O seu posicionamento teórico situa-se algures entre uma história da leitura e uma sociologia da leitura. As suas ideias são-nos muito importantes porque: dão uma rápida visão da história da leitura em voz alta⁴; partilham as suas preocupações relativamente ao modo como a leitura em voz alta é praticada nas escolas e fazem uma defesa absolutamente inequívoca da leitura em voz alta.

Jean, considera que a leitura em voz alta é uma prática

muito rica e que hoje se encontra em renovação. A leitura em voz alta atualiza dimensões textuais como a musicalidade, o ritmo, e potencializa a nossa capacidade compreensiva. Ao convocar vários sentidos, a leitura em voz alta exerce sobre nós um poder iluminador e sedutor. Para este autor, assistimos, na atualidade, a um ressurgir da leitura em voz alta como uma prática muito diferente da leitura escolar repetitiva, capaz de voltar a conferir interesse ao carácter ‘convivial’ e de socialização que a leitura em voz alta nunca chegou a perder. A hipótese teórica deste livro, a existir uma, consistirá em sustentar que “a leitura em voz alta bem conduzida pode ser determinante para criar novos desejos nos leitores e levá-los a penetrar em textos considerados difíceis”. (2000: 21) Ao incidir o seu *focus* de atenção no domínio das utilizações práticas da leitura em voz alta, Georges Jean enuncia o desenho de um clube de leitura, onde não falta a descrição dos aspetos inerentes ao seu funcionamento. A simples existência de clubes de leitura mostra bem que as leituras em voz alta públicas se multiplicaram. Divergindo do ambiente e métodos escolares, não deve ter um público muito numeroso (30-40 pessoas). Pode e deve funcionar num local ‘não-escolar’, num local de convívio, como uma biblioteca. A posição dos ouvintes não pode ser negligenciada, preferencialmente em círculo em volta do leitor, para dar centralidade ao livro que está a ser lido. O autor propõe que o clube de leitura se desenvolva segundo um método flexível e preciso e “cuja finalidade (...) era conduzir os ouvintes a leituras silenciosas, e, conforme os casos, à ‘crítica’”. (idem: 138). A duração do encontro não deve exceder 1 hora e trinta minutos para não saturar os ouvintes. Deve ler-se o livro na totalidade e não as versões ‘condensadas’, ainda que defenda a possibilidade de segmentar e montar novamente o livro numa versão mais curta (como se faz no cinema). A ideia é que num momento posterior os ouvintes vão ler o livro em silêncio na sua totalidade. A discussão que se segue tem como principal objetivo orientar os ouvintes para os livros do mesmo autor ou de autores que tenham escrito sobre o mesmo tema. (ibidem:139). Morais, num registo diferente porque oriundo da psicologia cognitiva, realça a importância da leitura em voz alta (aqui associada à oralidade), afirmando que: “a audição da leitura por outra pessoa tem uma tripla função, cognitiva, linguística e afetiva.” (1997: 164)

A produção científica desenvolvida recentemente em universidades internacionais vem, de algum modo, corroborar a ideia da importância e atualidade da leitura

4 A leitura em voz alta foi durante muito tempo maioritária mas não poderia fazer esquecer a leitura silenciosa, também ela muito antiga. Contudo, por razões culturais desde a idade média que a leitura silenciosa era privilégio das gentes instruídas. A leitura em voz alta foi até meados do século XIX um sistema muito difundido por toda a Europa restringiu-se, lentamente, às utilizações religiosas e escolares.

em voz alta nas suas variadas matizes. Zilca Rossetto de Moraes, na sua tese de doutoramento defendida na Universidade Federal de São Paulo, afirma que a criança que lê textos em voz alta memoriza mais facilmente o conteúdo e pode obter assim melhores resultados na escola. O sucesso da leitura em voz alta realizada pela criança/aluno deve-se a dois motivos: a utilização do estímulo visual e do estímulo auditivo, o que conjuntamente reforça o poder de captação das informações presentes no texto. Para esta autora, o grande entrave à adoção deste método de leitura em voz alta em contexto de sala de aula, relaciona-se com o número elevado de alunos por turma.

Das posições aqui citadas e do pensamento aqui trazido ficam pontos de convergência que importam salientar e que vão de encontro à percepção empírica inicial, reforçando desse modo a convicção e mais do que esta, a certeza de que se está a desenvolver um trabalho sério, cientificamente correto, pois não se encontrou em nenhum autor ou fonte consultada de informação que infirmasse a validade do projeto Letras Soltas. Considerando o naipe de posições aqui trazidas fica a evidência que a leitura em voz alta exercitada em grupo, como num clube de leitura, constitui um excelente passaporte para o universo da leitura.

O clube de leitura juvenil 'Letras Soltas' nasceu em fevereiro de 2007, no seio da Biblioteca Municipal Doutor José Vieira de Carvalho, na cidade da Maia e manteve-se ativo até julho de 2011. A conceção e orientação estiveram a cargo de Suzana de Sousa e Silva (bibliotecária) e de Joaquim Jorge Moreira da Silva (professor). Os jovens leitores, entre os 10 e 16 anos eram o público-alvo da iniciativa. As reuniões ou encontros eram semanais, aos Sábados ao princípio da tarde. As sessões tinham a duração média de duas horas (entre as 15:30h e as 17:30h). O acrónimo 'Letras Soltas', nome pelo qual é comumente designado e conhecido, significa em concreto «Ler Em Tempo Recorde Aos Sábados Saboreando Os Livros Tratando Assuntos Sérios»; nome feliz que encerra em si próprio um verdadeiro programa de leitura. A prática acentuou o tratamento sério dos assuntos e descurou a hipotética tentativa de bater recordes na leitura. Os objetivos delineados no início do projeto eram, pode afirmar-se, ambiciosos se levarmos em linha de conta a ausência de qualquer tipo de experiência prévia ou tradição de existência de clubes de leitura juvenis na biblioteca ou no concelho onde a mesma se situa. Do cumprimento, integral ou parcial, se dará conta mais à

frente quando for abordada a avaliação do projeto. Os objetivos eram os seguintes: Criar um espaço informal de exercício de leitura; Estabelecer uma relação de proximidade com os livros; Aumentar as competências de leitura; Aprofundar a capacidade de interpretação individual; Desenvolver o espírito de grupo; Incrementar o sentido crítico; Partilhar ideias e opiniões; Saber acolher a diferença; Articular as diferentes leituras com a construção de uma escala axiológica.

Competia à biblioteca municipal, enquanto entidade promotora e acolhedora da iniciativa/projeto, reunir e disponibilizar um conjunto de valências materiais essenciais ao normal desenvolvimento das atividades do clube, como sejam a disponibilização, em condições ótimas de utilização, de uma sala confortável, completamente equipada com mesas e cadeiras em número suficiente, dispostas em 'O' (para promover uma horizontalidade de contacto e postura); computador; projetor, e leitor de DVD, fundamentais para algumas das atividades desenvolvidas no clube como, a título de exemplo, as pesquisas biográficas de autores na internet, ou projeção na sala de filmes ou de apresentações em PowerPoint, complementares à atividade de leitura. Fundamental, porque traduz e demonstra o empenho e esforço posto na iniciativa pela biblioteca, é a aquisição do fundo bibliográfico necessário ao clube, em número de exemplares suficientes para que nenhum potencial leitor interessado fique à porta e se auto exclua por não poder adquirir o livro. A isto, acresce a compra e disponibilização de material de suporte para os eventuais apontamentos que viessem a ser tirados pelos membros. O dicionário, em número nunca inferior a três exemplares, constituiu uma companhia inseparável e imprescindível da vida do clube.

Em termos metodológicos, o arrojo inicial consistia em fazer da leitura em voz alta o cartão de visita do clube. O enfoque residia numa prática de leitura em regime presencial de modo extensivo, e continuado (de modo que a leitura do livro seja retomada no encontro seguinte) até ao término do mesmo, sem pressas e sem imposição de prazos para a sua concretização. A leitura das obras escolhidas, de acordo com a vontade de todos os membros, era feita de modo integral. Cada membro lia uma pequena parte, rotativamente, para que todos fossem leitores e ouvintes, de si próprios e dos colegas.

Desenvolveram-se, ao longo destes quatro anos de existência, um conjunto de atividades paralelas que, não só consolidaram e complementaram as leituras, como

cimentaram e aprofundaram o espírito de grupo e o sentimento de pertença, reforçando os índices motivacionais. De entre as várias atividades desenvolvidas salientam-se as seguintes: Celebração de aniversários dos membros; Visionamento de filmes; Participação nas atividades culturais das feiras do livro; Encontros com escritores e ilustradores; Conceção e produção da Exposição “Os clássicos na ementa da leitura”; Contribuição com pequenos textos para o blogue da biblioteca.

Desde a primeira hora que se considerou este clube um ‘clube aberto’, isto é, o clube encontrava-se aberto à entrada de novos membros fosse em que momento fosse. A sua integração seria, como foi, feita com parcimónia e com afetuosidade por todos os membros. Mesmo com eventuais prejuízos no ritmo de leitura, nunca se fechou a porta a um leitor interessado em participar. Daí que o número efetivo de membros que participaram seja um número que sofreu oscilações ao longo dos quatro anos, com altos e baixos, acompanhando a entrada e saída de membros⁵. O número médio de presenças é de 12 leitores, maioritariamente do sexo masculino.

A avaliação do Clube de Leitura Letras Soltas resultou da combinação de duas dimensões: a observação direta realizada, pelos orientadores, ao longo dos quatro anos do projeto e pela aplicação de um questionário aos membros do Clube de Leitura no final do projeto.

Da observação direta durante o projeto, foi possível reter um conjunto de dados que permitem ter uma visão abrangente sobre as atividades do Clube, aqui convertidas em números. Eis alguns dos dados a reter: leram-se 29 livros, que correspondem a 4730 páginas lidas em 4 anos; 135 encontros, que correspondem a 270 horas de leitura e 35 páginas lidas em média por encontro.

⁵ Neste ponto, convém registar que as razões que sustentam as saídas prendem-se com a catequese que rivaliza com o clube em termos de horário; o limite de idade de alguns dos membros; a mudança de escola associada à mudança de ciclo de ensino (muitas vezes acompanhada de mudança de domicílio), e o surgimento, cada vez mais frequente de uma realidade chamada ‘divórcio’ entre os progenitores dos membros que faz com que, muitas vezes, o Sábado seja o dia de permanência com um dos pais.

Tabela 1

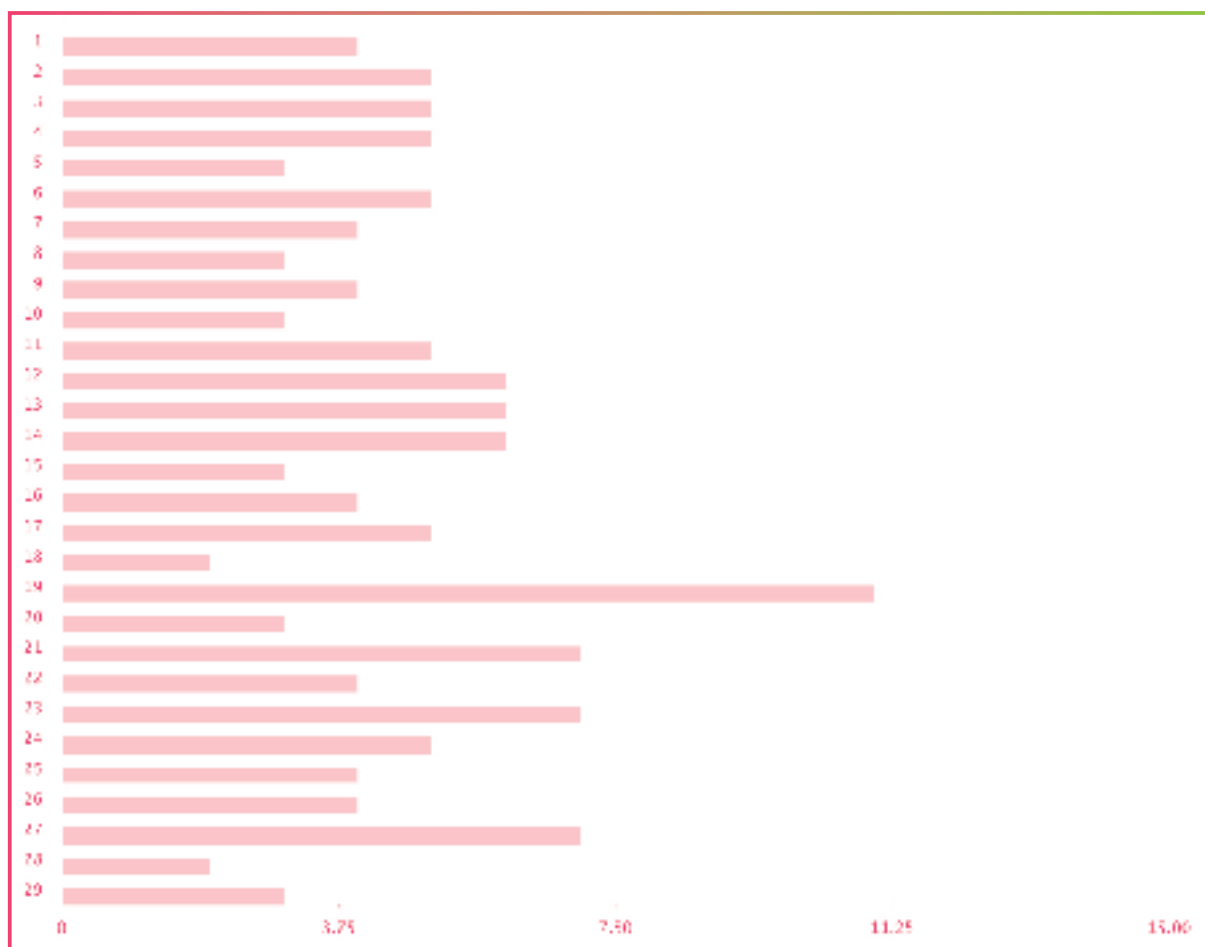
Os títulos denotam uma grande diversidade de assuntos e variedade de tipologias: clássicos e novidades editoriais; livros de mais fácil leitura/compreensão e outros de difícil leitura/compreensão; livros mais curtos e outros mais extensos; livros de temáticas mais familiares e outros de temáticas mais desconhecidas. O número de encontros necessários para ler cada livro é diferenciado.

Ano	Título
2007	Tobias e o anjo
	Estrela à chuva
	O principezinho
	A família que não cabia dentro de casa
	O planeta branco
2008	No reino do sonho
	Fora de serviço
	A mulher gorda
	O velho e o mar
	Rafa e as Férias de Verão
	O menino que sonhava chegar à lua
	Se perguntarem por mim, digam que voei
2009	O meu pé de laranja lima
	Recados da mãe
	História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar
	O sonhador
	O rapaz do pijama às riscas
	Quando nos matam os sonhos
	Rapaz que ouvia as estrelas
2010	Conta comigo pai
	O estranho caso do cão morto
	Rafa e a liberdade
	O Sebastião e os mundos secretos: o anel roubado
	Londres 1850
	Oliver Twist
2011	O tesouro do veleiro espanhol
	Tobias Lolness : a vida em suspenso
	Os livros que devoraram o meu pai
	O segredo do bosque velho

Ritmo de leitura													
N.º de págs.	N.º de sessões	N.º de páginas/sessão										Média	
88	4	Não foi monitorizado										22	
115	5											23	
95	5											19	
110	5											22	
89	3											30	
85	5	30	6	15	25	9							17
196	4	50	44	53	49								49
161	3	57	44	60									54
108	4	40	20	25	23								27
157	3	44	52	61									52
179	5	43	31	34	31	40							36
198	6	15	33	39	31	38	42						31
196	6	41	32	29	29	29	36						32
156	6	40	13	28	25	32	18						28
127	3	45	48	34									42
104	4	38	23	21	22								26
176	5	40	35	30	27	44							35
84	2	44	40										42
303	11	27	16	28	24	27	30	27	33	34	36	21	24
165	3	60	52	53									55
236	7	24	33	33	40	38	41	27					34
159	4	52	24	37	46								40
288	7	38	28	26	24	31	22	25	27	32	35		29
159	5	24	31	25	34	45							32
149	4	37	38	42	32								37
207	4	40	73	49	45								52
336	7	41	34	23	36	39	29	91	43				35
128	2	73	55										64
176	3	52	51	73									59

Gráfico 1

O ritmo de leitura é um outro aspeto interessante que traduz as vicissitudes e as oscilações do ato de ler. Simultaneamente, foi possível registar a incidência de palavras difíceis e/ou desconhecidas dos membros do Clube em número apreciável.



Da análise dos dados recolhidos no questionário de avaliação aplicado aos membros do Clube foi possível coligir os seguintes dados: 83% dos membros são do sexo masculino, enquanto 17% são do sexo feminino; a idade dos membros oscila entre os 10 e os 17 anos; a área de residência mostra que 83% são oriundos do concelho da Maia e 17% provenientes de concelhos limítrofes.

Uma parte do questionário avaliou qualitativamente o grau de satisfação, numa escala de 1 a 5⁶, dos membros do Clube face ao exercício de leitura realizado, de acordo com os parâmetros a seguir enunciados. É a primeira vez que participas num Clube de Leitura? 83% Sim; 17% Não | Gostaste de fazer parte do Clube? 50% Bastante; 50% Muito | Gostaste dos livros que lemos no Clube?

6 Escala: 1. Nada; 2. Pouco; 3. alguma coisa; 4. bastante e 5. muito

17% Alguma Coisa; 66% Bastante; 17% Muito | O Clube ajudou-te a ler melhor? 17% Nada; 17% Pouco; 66% Muito | A leitura em voz alta e em grupo ajudou-te a falar melhor e com menos vergonha dos outros? 17% Não Responde; 33% Alguma Coisa; 50% Muito | Os diálogos com base nas leituras partilhadas ajudaram-te a ser mais tolerante e conhecedor? 17% Pouco; 33% Alguma Coisa; 33% Bastante; 17% Muito.

No que concerne ao modo de funcionamento/metodologia e auscultados os membros, com base em dois critérios de avaliação “A melhorar” e “Adequado”, é curioso observar que os aspetos onde é visível um espaço para melhoria correspondem ao tempo disponibilizado para comentar, ao número de encontros (o que indicará uma apetência para uma maior frequência de encontros?), e quanto à duração das sessões, cujo significado permanece em aberto.

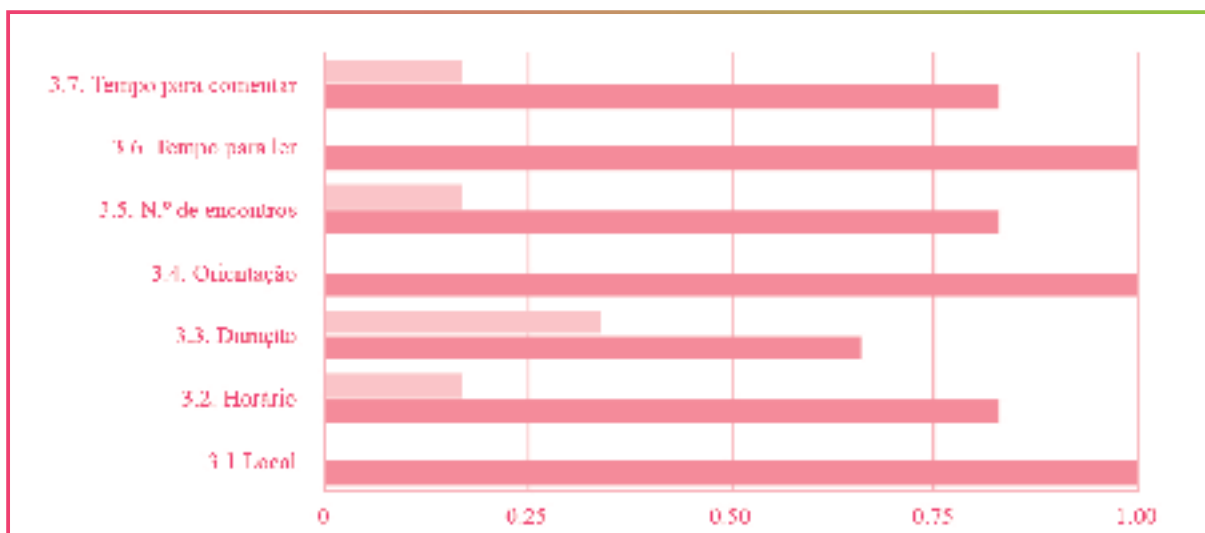


Gráfico 2

Os membros do clube pronunciaram-se ainda sobre alguns temas candentes que afetam o universo dos leitores e da leitura, nomeadamente a relação da leitura com as novas tecnologias e a importância da leitura e dos clubes de leitura. Perante a questão do *Como veem a Internet e a vossa leitura?*, eis algumas das afirmações: “A internet serve para complementar, pesquisar e de certa forma antecipar a leitura, e se a consulto antes fico influenciado pelo que vejo sobre um livro ou um escritor”; “A internet serve só para as pesquisas, e não tem influência em mim”. Já quanto à questão *Porque é que a leitura é importante para vocês?*, as apreciações não podiam ser mais claras: “Porque melhora a expressão escrita e de leitura e ajuda a ser mais fluente”; “Aprende-se palavras novas e ficamos com mais vocabulário na cabeça”; “Melhora a nosso conhecimento e a nossa compreensão”. São curiosas as afirmações dos membros quando lhes foi perguntado *O que é que um CL devia ter, em vossa opinião para ser mais fixe?*: “Discutir sempre os assuntos e não deixar para trás”; “Fazer mais trabalhos de grupo, trabalhos de pesquisa”.

Rácio de encontros por livro lido																													
N.º de livros lidos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
N.º de encontros	4	5	5	5	3	5	4	3	4	3	5	6	6	6	3	4	5	2	11	3	7	4	7	5	4	4	7	2	3

De uma forma indireta e informal foi possível aferir junto de alguns dos pais dos membros do Clube (no momento de receção ou de despedida dos encontros), a existência de progresso e/ou melhoria do desempenho escolar. Eis alguns dos comentários: “Já lê melhor”; “Melhorou a nota a português”; “A professora disse que ele lê e interpreta muito melhor...”

A avaliação global do projeto permite afirmar que os objetivos propostos no início foram cumpridos; inovou-se relativamente à oferta cultural existente; o projeto é visível e partilhável e está na base de outro que entretanto teve início em outubro de 2017; a sua sustentabilidade está assegurada. Por tudo isto, reafirmamos que o ‘Letras Soltas’ é um exemplo de boas práticas da promoção da leitura.

Referências bibliográficas

Alçada, Isabel (2009). *Voluntários para ler em voz alta*. Porto: Educare. Consultado em 05/09/2011, disponível em <http://www.educare.pt/educare/Atualidade.Noticia.aspx?contentid=750BEA09AC1B9AF7E0400A0AB800263B&opsel=1&channelid=0>

Georges, Jean (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

Miranda, Maria Cabral Pacheco de; Teixeira, Vera (2000). *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora.

Moraes, Zilca Rossetto de (1999). *Estilos de linguagem como facilitadores da memória*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina.

Morais, José (1997). *A arte de ler*. Lisboa: Cosmos.

Neves, José Soares; Lima, Maria João; Borges, Vera (2008). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: GEPE.

Pastorello, Luísa (2011) *Formar Leitores*. [Em linha]. Belo Horizonte: Instituto Cultural Aletria. Consultado em 05/09/2011, disponível em <http://www.aletria.com.br/editora.asp?area=64&secao=64&site=1&tp=5&id=2355>

Pennac, Daniel (1993). *Como um romance*. Porto: Asa.

Schlink, Bernhard (2009). *O leitor*. Porto: Asa.

Sobrinho, Javier García (2000). *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora.

